

ALFABETIZAR E LETRAR: NOVAS PERSPECTIVAS DE ENSINO E APRENDIZAGEM.

Grupo de trabalho GT (01) – Alfabetização e letramento escolar

Maria Noélia da Silva Pereira (Graduanda/UFPI)

Rita de Cássia da Conceição (Graduanda/UFPI)

Pollyanna Cristina Costa Nascimento (Graduanda/UFPI)

Maria Perpétua do Socorro Beserra Soares (Professora/ UFPI)

RESUMO

Este artigo traz reflexões que por nós foram registradas durante a nossa estada na escola observada, especificando melhor, baseia-se em observações realizadas com os discentes que compõe a turma de 2º Ano do Ensino Fundamental. O objetivo do nosso trabalho era analisar os métodos e as práticas do professor utilizado no processo de alfabetização e letramento. O lugar de pesquisa ocorreu na sala de aula, onde observamos o que incidirá durante as aulas ministradas pela professora. Assim, como também a interação e a convivência social no período do recreio das crianças assistidas. A metodologia utilizada nessa pesquisa aconteceu por meio da pesquisa do tipo etnográfico que permite maior descrição do objeto estudado, o instrumento usado aconteceu por meio da observação e entrevista feita com a professora da sala. Esperamos que através desse artigo muitos educadores venham a refletir sobre suas práticas de alfabetizar e letrar.

PALAVRAS-CHAVE: Aprendizado. Alfabetizar. Escola. Profissionais da Educação.

1 INTRODUÇÃO

Esse artigo tornou-se possível mediante algumas observações realizadas durante a disciplina Estágio Supervisionado na Escola I, após algumas visitas em uma escola de Ensino Fundamental iniciamos nosso trabalho. Almejávamos compreender situações ocorridas no interior da escola que só poderiam ser desvendadas após o contato e a observação realizadas na mesma. Todavia o objetivo principal do nosso estudo era analisar os métodos e as práticas do professor utilizado no processo de alfabetização e letramento.

Estávamos intrigadas com algumas situações que permeiam parte das escolas do nosso país, referimo-nos as dificuldades encontradas por grande parte de educadores na hora de alfabetizar as crianças, fato que nos motivou a voltar nosso olhar para as práticas pedagógicas que estão sendo usadas pela maioria dos professores no interior das instituições responsáveis pela educação.

O significado de alfabetização por muito tempo ficou fundamentado ao fato do indivíduo saber ler decodificando os gráficos e escrever transformando os sons por meio das palavras. Só na metade dos anos 1980 aparece a palavra letramento que enfatiza o saber ler e escrever tendo entendimento sobre ambos (SOARES, 2010).

A palavra letramento surgiu para dar nome ao novo acontecimento que se iniciou na sociedade onde os indivíduos apesar de saberem ler e escrever não compreendia o que liam e escreviam e só o termo alfabetizado já não era suficiente. Soares define alfabetizado o indivíduo “[...] que apenas aprendeu a ler e escrever, não aquele que adquiriu o estado ou a condição de que se apropriou da leitura e da escrita, incorporando as práticas sociais que as demandam” (2006. p. 36).

Diante desse novo contexto podemos dizer que só o fato de saber ler e escrever não significa que o indivíduo possa ser considerado letrado, como também não pode ser descrito um analfabeto, pois analfabeto é aquele que não ler e não escreve. Assim só de modo recentemente surgiu a necessidade de se falar de letramento, pois só agora este termo se tornou necessário (SOARES, 2006. p. 36).

Letramento para Magda Soares significa “estado ou condição de quem não sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita.” E por sua vez alfabetizar segunda autora é a “ação de ensinar/aprender a ler e a escrever” (2006. p. 18). Deste modo, letramento e alfabetização tem duas ações diferentes, porém não inseparáveis, pois uma prática completa a outra, fazendo com que os processos leitura, escrita e entendimento aconteçam de forma planejada.

2 DISCUSSÕES ACERCA DA ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Sabemos que uma escola é formada por um conjunto de pessoas, que são sujeitos voltados para obtenção dos mesmos objetivos, dentre eles o aprendizado dos alunos, e para que este aprendizado ocorra torna-se necessário que o espaço escolar apresente seres ativos e preocupados com desenvolvimento de todos, e, principalmente, dos discentes confiados a aquela instituição.

Como ressalta Silva:

Uma escola de portas abertas para os diversos segmentos da comunidade poderem se interrelacionar, é garantia de fortalecimento da amizade, do espírito de colaboração, do cultivo de valorização do ambiente escolar, do patrimônio coletivo que a todos serve e das pessoas que convivem nesse espaço; potencializa o sentimento de pertença. (2008, p. 70)

E diante de tais situações percebemos que a escola ao longo dos anos vem aprimorando suas práticas, onde busca em alguns teóricos embasamentos que a auxiliem na prática do ensino que será transmitido. Percebendo que é, principalmente, na escola que ocorre de forma planejada o alfabetizar e o letrar, e os métodos e práticas utilizados para repassar o conhecimento tornaram-se estratégias de suma relevância para que os professores do nosso sistema educacional obtivessem êxito em suas técnicas nas salas de aulas.

Como enfatiza Pellegrini e Fevorine (2001), em uma reportagem na Revista Nova Escola, que relata a experiência de uma professora ao estreiar uma nova metodologia de ensino, o Alfabetizar e Letrar.

Se a cartilha é um tipo de leitura tão bom, por que não há uma entre os livros de sua estante?"A pergunta, feita pela alfabetizadora Mariá Ferreira dos Santos a um pai que não concordava com a substituição do tradicional livro didático por textos variados, o deixou sem resposta". [...] Meses depois, totalmente rendido, parabenizou-a agradecido por ter alfabetizado a filha tão rapidamente. [...] Mariá estava estreando essa metodologia de trabalho, mas já tinha plena consciência de que não basta ensinar os códigos de leitura e escrita, como relacionar os sons às letras. É preciso tornar os estudantes capazes de compreender o significado dessa aprendizagem, para usá-la no dia-a-dia de forma a atender às exigências da própria sociedade. Em outras palavras, promover o letramento.

Os professores, atualmente, e compreenderam que o ensinar a ler e a escrever, torna-se necessário tanto para o convívio social da criança como para o desenvolvimento de outras aptidões, como a criticidade e a capacidade de interpretação do que foi lido, diferente dos educadores de épocas passadas, que viam estes processos apenas para uma leitura ou escrita sem um direcionamento, ocorrendo apenas com intuito do aprendizado da escrita do próprio nome ou para simples leituras, como receitas, recados e etc., ou seja, "o ler por ler". O conceito que se tem recentemente sobre o que é alfabetização é o de formar leitores que compreendam o que esteja lido naquele momento.

De acordo com os PCNs de Língua Portuguesa:

Formar um leitor competente supõe formar alguém que compreenda o que lê; que possa aprender a ler também o que não está escrito, identificando elementos implícitos; que estabeleça relações entre o texto que lê e outros textos já lidos; que saiba que vários sentidos podem ser atribuídos a um texto; que consiga justificar e validar a sua leitura a partir da localização de elementos discursivos (1998, p. 36).

É necessário que o leitor além de identifique as palavras que está a sua frente, também decifre o que está nas entrelinhas, ou seja, perceba o significado do que o escrito traz, sendo necessário para isso que ocorra uma boa interpretação e reflexão do que se esta lendo. E uma leitura compreensiva só será possível se a escola integrar em suas metodologias artificios que propiciem a formação tal qual hoje o Sistema de Educação busca nos alunos que estão

inseridos nas escolas do nosso país. E em meio a estas questões, deveríamos então investigar como estava ocorrendo à transmissão dos conteúdos durante as aulas ministradas aos alunos.

Em nossas observações, foi percebido que o maior responsável pelo ensino-aprendizagem é o professor, pois será a partir das práticas adotadas por ele que os alunos se tornarão leitores e escritores. Entretanto é conveniente que o educador entenda que a transmissão do aprendizado deve ocorrer por etapas, onde os educandos passo a passo desenvolverão as etapas que acoplam os processos da leitura e escrita.

Com o passar dos anos, e seguindo as transformações do mundo, viu-se a necessidade de um novo modelo de educação, sendo que esta não deveria acontecer de qualquer jeito, deveria está voltada para o que se exigia naquele momento, ocorrendo então inúmeras mudanças no campo educacional. Dentre elas, a renovação de suas características “Os Métodos e as Praticas” e o fortalecendo do seu objetivo, que é a obtenção do conhecimento, seja ele profissional ou social.

Surgindo desde então inúmeros programas que vêm sendo desenvolvidos pelo o Ministério da Educação, programas esses em sua maioria direcionados para a obtenção da alfabetização. Como a Educação de Jovens e Adultos (EJA), que é um programa direcionado para a alfabetização de jovens e adultos que por algum motivo não puderam frequentar a escola e não atingiram o conhecimento relacionado ao ler e escrever na idade correta. Pois, de acordo com A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB 9394/96), em seu artigo 37º § 1º diz:

Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames.

Sendo que foi constatado pelo MEC no ano de 2010 cerca de 16 milhões de brasileiros analfabetos, pessoas que não conseguem ler ou escrever um simples bilhete. E diante desse cenário o Ministério da Educação também cria um programa que traz propostas voltadas para o alcance da alfabetização em nosso país. O Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC).

De acordo com o MEC: “[...] tem a finalidade de reverter o atual cenário do país, em que a média nacional de crianças não alfabetizadas até os oito anos chega a 15,2%, de acordo com dados do Censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)”.

3 CONTEXTO DA PESQUISA

O principal motivo da preferência à escola está no referencial que a mesma oferece em relação ao sucesso na aprendizagem dos discentes, pois demonstra ter compromisso com os envolvidos na escola, assim como também a forma como os professores ministram a aula, os recursos empregados e a estrutura física que se encontra em perfeito estado, visando o conforto dos alunos. A escola é um exemplo de organização e é uma das poucas escolas pertencente rede pública na cidade de Parnaíba-PI que dispõe de espaços voltados para o desenvolvimento lúdico da criança, pois possui um parquinho, uma brinquedoteca, uma sala de vídeo e um campo de futebol, que desenvolvem habilidades e a aprendizagem dos discentes. Para se fazer essa pesquisa usamos a metodologia do estudo de caso do tipo etnográfico.

Segundo André (2005), a etnografia é uma pesquisa que é usada pelos antropólogos que tem como objeto de estudo a cultura de um determinado povo. Esses estudos geralmente duram anos e meses não podendo ser comparado ao estudo do tipo etnográfico feito no meio do ambiente educacional, que duram aproximadamente algumas semanas, alguns meses ou até um ano. A observação dentro desse estudo é chamada de participante, pois permite um envolvimento com a pesquisa estudada. É necessário também que o pesquisador fique próximo das pessoas envolvidas no estudo para poder fazer entrevistas, fazendo com que desse modo venha até uma melhor descrição do objeto estudado.

Na nossa primeira visita à escola apresentamo-nos para a diretora como alunas acadêmicas do VI bloco do curso Pedagogia da Universidade Federal do Piauí – UFPI. Explicando sobre a Disciplina de Estágio Supervisionado na escola I, onde seria necessário realizarmos algumas observações em uma escola, atividade necessária para a conclusão da disciplina. A diretora foi bem atenciosa e deu-nos a permissão necessária para a realização da nossa atividade.

Iniciamos nosso trabalho no período da tarde, às 13h00min horário de entrada dos alunos em sala de aula. Antes de ingressarem para as salas de aula os alunos ficam no pátio para cumprirem um ritual de todos os dias, ou seja, cantar o Hino Nacional, e dependendo da data cantam o Hino da Parnaíba ou o do Piauí.

Aproximada à hora da entrada de todos na sala, cumprimentamos a professora, que já estava informada sobre as observações que iríamos realizar, pedimos licença para acompanhá-los, permitido a nossa entrada a sala, procuramos um local discreto e sentamos em

carteiras que ficavam logo atrás dos alunos, no intuito de não os distrair durante as atividades escolares.

Quando todos estavam sentados em seus lugares, a professora pediu que cantassem uma canção de boa tarde, segundo ela àquela recreação acontecia todos os dias e tratava-se de uma técnica para deixá-los mais dispostos para o início da aula. Percebemos que a educadora mostrou-se atenciosa com os alunos, esclarecendo sempre que necessário às dúvidas relacionadas aos conteúdos da disciplina, disponibilizando materiais adequados para as atividades, explicando de forma carinhosa e eficaz para envolver e propiciar aos alunos a participação efetiva da aula. A relação que o professor mantém com os discentes, contribui de modo significativo para o processo de aprendizagem dos alunos.

É utilizado durante as aulas várias estratégias para atrair a atenção dos alunos, desde o uso de recursos como: vídeos, maquetes, cartolina com gravuras e outros e também o modo como a professora expõe a aula, dialogando sempre com os alunos a respeito dos conteúdos para que fiquem atentos. Na escola os alunos participam do jornal criado pelo corpo docente e discente da escola, mas sendo apresentado apenas pelos alunos com o intuito de estimular e motivá-los no processo de aprendizagem.

Quando perguntamos a professora como ela avalia a sua prática docente, ela nos respondeu que, consecutivamente, procura renovar a sua ação pedagógica com a intenção de melhorá-las suas metodologias de ensino, sempre almejando o desenvolvimento de seus alunos. A educadora leva em consideração o que o aluno já sabe, estimula a articulação entre eles, dando ênfase em suas respostas.

A avaliação não acontece apenas mensalmente e sim diariamente, onde a mesma observa o desempenho e participação dos alunos nas atividades propostas. Também são feitos trabalhos onde é somado junto com a nota da prova e com os outros critérios avaliativos. A soma do trabalho e da prova é dividida por dois tirando a nota bimestral. Percebemos que a Professora tem como objetivo principal desenvolver o processo de ensino e aprendizagem de seus alunos, tornando-os mais críticos e reflexivos.

A docente consegue manter um controle impressionante com a turma, é notório que isso acontece devido o respeito que ocorre de forma recíproca. Vários recursos são utilizados durante a aula como: quadro de acrílico, pincéis, livro didático, cartazes, lápis de cor, cola e exercícios.

Na escola existem momentos lúdicos, através da recreação contendo: brinquedoteca, parque, salão e campo em que as crianças participam ativamente de brincadeiras e jogos, sendo que é através da cultura lúdica, que os alunos conseguem atingir

níveis mais altos de entendimento e absorção do conteúdo. Durante a recreação, a professora interage e acompanha os seus alunos nas brincadeiras.

Percebemos que quase todos da turma demonstravam bastante interesse durante as atividades que eram colocadas para eles pela educadora, logo de início a professora pediu para fazer a correção da atividade de casa, “dever de casa”, todos pegaram seu material e deu-se início a correção dos exercícios, poucos não tinham feito a tarefa de casa, termo utilizada pela professora para aquela atividade, enquanto as outras crianças que responderam mostravam ativamente suas respostas, a professora pacientemente as registrava no quadro de acrílico para que os que cometeram algum erro fizessem a correção da tarefa. Ficou notório a autonomia e a participação ativa desenvolvida pela maioria dos alunos daquela turma durante a correção da tarefa.

Mesmo sendo a turma composta por crianças de 8 (oito) e 9 (nove) anos, ficou claro a compreensão que muitos demonstravam diante do espaço em que eles ocupavam, cumprindo com responsabilidade as tarefas que lhes eram impostas naquele local, demonstravam um contato interativo e de extremo respeito pela professora e segundo a mesma, pelos demais funcionários da instituição, pois sabemos que dentro de uma escola pública e em se tratando de crianças a compreensão relacionada ao que é escola é bastante escassa.

Dentre os alunos observados poucos eram o que apresentavam alguma dificuldade na interpretação dos conteúdos que eram expostos na sala, às maiorias das crianças indagavam por diversas vezes a professora, e essas criavam algumas situações em relações aos conteúdos expostos. Os alunos eram críticos e reflexivos em relação às aulas, apesar de estarem ainda no 2º Ano do Ensino Fundamental percebemos uma desenvoltura dos alunos, pois alguns opinavam bastante questionando sobre os conteúdos repassados durante as aulas.

A instituição em que o observamos demonstrou interesse no desenvolvimento psicomotor e social de seus alunos, pois valorizava o horário de brincar, em que era realizado de forma dirigida pelos docentes. Ao observamos os alunos durante o recreio foi percebido que quase todos viviam o momento, “o do brincar”, estas crianças não se intimidavam com nossa presença durante as observações: brincavam de pega-pega, amarelinha, de escorregar no parquinho e até de polícia e ladrão, estavam interagindo o tempo e não percebíamos desavenças entre os grupos de crianças que brincavam, o interessante é que eles atribuíam regras as brincadeiras e sem perceberem que aquela imposição criada por eles demonstrava responsabilidade, respeito e obediência para com os demais colegas e as atividades que eles realizavam, ou seja, as brincadeiras. Ao retornarem para a sala de aula após terem gasto

bastante energia, não era notado cansaço nas crianças, todos aparentavam disposição para continuarem as atividades pedagógicas da sala de aula.

Em outro momento que estivemos na escola, acompanhamos os alunos a sala de vídeo, e esse momento para eles eram muito especial, pois ali seria exibido um vídeo feito pela turma, sendo em que eles eram os protagonistas, a escola preparou um trabalho com os alunos onde eles apresentavam um jornal em rede nacional, “estilo o Jornal Nacional” e essa experiência vivida por eles mostrou crianças que tem liberdade de expressão e comunicação no espaço escolar.

É relevante destacar, que se encontram descrito neste trabalho às observações não só do processo em sala de aula, como também, do ambiente escolar como um todo. Procurou-se conviver e observar uma forma de direcionar a prática pedagógica como uma ação sustentada em embasamentos que juntam uma linha filosófica de aprendizagem e sua efetividade.

4 CONCLUSÃO

Diante das observações, das entrevistas com os envolvidos, das leituras e pesquisas realizadas para o desenvolvimento deste trabalho percebemos que os sujeitos envolvidos na educação buscam de forma significativa mudar o cenário que hoje faz parte de inúmeras entidades educacionais do país, que são as dificuldades de aprendizagem fazendo com que a alfabetização aconteça cada vez mais tarde. Principalmente nas escolas públicas, que mostram ser as mais afetadas, seja por falta de incentivos ou recursos, ou por consequências das dificuldades enfrentadas pelas famílias que englobam a maior parte dos que frequentam estas escolas.

Como aponta Carvalho (2009) que acredita ser a pobreza um dos principais fatores do analfabetismo, segundo o autor as famílias carentes não tem condições de manterem seus filhos nas escolas, acarretando com isso o trabalho infantil ou a ida destas crianças mais cedo para as ruas, onde ali possivelmente seguirão um caminho totalmente contrário o da educação. Em relação aos incentivos e recursos de acordo com o estudado percebemos que muito está se fazendo para que todas as escolas públicas estejam equipadas com matérias de qualidades para um bom desempenho do professor nas suas práticas de ensino. Prova disso está na criação dos Programas sociais e de incentivos tanto para as famílias carentes quanto para as escolas que operam na alfabetização.

Estas medidas deixam transparecer um desejo por parte da maioria dos envolvidos na Educação de nosso país, que é o da erradicação do analfabetismo, pois é compreendido que só acontecerá desenvolvimento no país se a educação seguir na proporção que a nação cresce. Uma vez que será impossível acompanhar o desenvolvimento que o mundo passa atualmente se não houver pessoas capacitadas para suprir as exigências desta nova era. Talvez seja esse o motivo que justifica a criação de inúmeros programas de alfabetização, visto que só através de medidas planejadas e aceitas é que se tornará possível à obtenção dos objetivos que se deseja.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional**. Brasília: Líber Livro Editora, 2005.

BRASIL. Leis de Diretrizes e Bases Curriculares (LDB). **Educação de Jovens e Adultos (EJA)** Disponível em:<http://www.planalto.gov.br/civil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em 24 de janeiro de 2013.

BRASIL. **Programa de Alfabetização na Idade Certa**. Disponível em:<<http://portal.mec.gov.br/index.php>>. Acesso em 20 de fevereiro de 2013.

CARVALHO, Marlene. **Alfabetizar e letrar: um diálogo entre a teoria e a prática**. 6. ed. Petrópolis, RJ : Vozes, 2009.

PELLEGRINI, Denise. FEVORINE, Fabiana. **Ler e escrever de verdade**. Nova Escola. Set/2001. Disponível em<<http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/pratica-pedagogica/ler-escrever-verdade-423924.shtml>>. Acesso em: 12 de dezembro de 2013

Parâmetros Curriculares Nacionais – Língua Portuguesa: 3º e 4º ciclos. Brasília: MEC, 1998.

SILVA, Marisa Crivelaro da. **A construção da auto-estima no ambiente escolar: o papel do gestor**. Publicado na revista Educação em Revista – SINEPE/RS - Ano XI nº 71- Nov/Dez2008.

Disponível em<<http://sites.google.com/site/agestaoeducacional/papel>>. Acesso em: 06 de janeiro de 2013.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SOARES, Maria Inês Bizzotto. **Alfabetização linguística: da teoria à prática**. Belo Horizonte: Dimensão, 2010.